

50 Anos Longo

Boletim Informativo das Paróquias dos Mártires e do Sacramento | II Série n.º 6

50 anos, 3 pagelas, muitos trabalhos, muitas graças, muitos mimos!

No passado Domingo de Ramos, dia 24 de Março, que coincidiu com o 50.º Aniversário da Ordenação sacerdotal do Prior, a Família Paroquial e muitos amigos, juntaram para a celebração da Santa Missa, dando graças pela efeméride. Antes da Bênção, o Prior dirigiu-nos as seguintes palavras.

Alguém da Comissão formada para organizar a celebração do Jubileu dos 50 anos da minha ordenação sacerdotal – quanto trabalho tiveram e como estou especialmente grato a estes amigos! – pediu-me uma frase bíblica para colocar no “santinho” comemorativo da efeméride. Senti a dificuldade que experimentei quando tive de escolher a frase para o “santinho” da minha Ordenação. Tinha escolhido um versículo, mas acabei por escolher outro... Primeiro, era parte do versículo 48 do capítulo 12 de São Lucas: “A quem muito foi dado, muito será pedido”. Tenho meditado a miúdo este aviso do Senhor, acabando em lágrimas de arrependimento pelas vezes – tantas vezes! – que não tenho correspondido à graça do sacerdócio que me foi concedida. “Trazemos esse tesouro em vasos de barro, para que tão excelso poder se reconheça vir de Deus e não de nós” (2 Cor 4,7), diz São Paulo... Porém o barro do meu vaso é muito frágil, e isso tem dado muito trabalho a Nosso Senhor... ainda assim, Ele não desiste de me amar. Para não acabar em lágrimas, em dia de festa, á frente de tão ilustre assembleia, pus de parte o versículo do Evangelho de Lucas e apropriei-me das palavras de Pedro: “Senhor, Tu sabes tudo, Tu bem sabes que Te amo” (Jo 21,17). Permitam-me que recorde convosco as frases bíblicas que escolhi para a pagela do dia da minha Ordenação Sacerdotal, neste dia, em 1974, e para a pagela do

Jubileu do 25.º aniversário da minha Ordenação, que celebrei em Algés, neste dia, em 1999. O conjunto destas frases, refletem, de algum modo, o caminho de conversão por mim percorrido. Qualquer das pagelas são representações da “Última Ceia”. O “santinho” da Ordenação é a “Ceia” de Gregório Lopes, que se encontra na igreja de São João Batista, em Tomar. Não apenas por ter sido ordenado em Tomar, no Convento de Cristo, mas porque a igreja de São João faz parte do meu itinerário vocacional. A pagela dos 25 anos, é a reprodução do retábulo da “Ceia”, do João D. Filipe – o mesmo autor dos retábulos de São Vicente e São Bartolomeu que ladeiam o arco triunfal da Basílica. Está na igreja da Sagrada Família, em Paço de Arcos, a Paróquia onde, o Espírito Santo e os paroquianos, me ensinaram a “arte” de ser pastor. As Paróquias de Paço de Arcos, Caxias, Algés-Miraflores, Cruz Quebrada-Dafundo são as referências dos 16 anos que vivi no concelho de Oeiras, anos tão felizes, embora ligados também à partida do meu pai e à doença e morte do meu irmão Rui. Na vida cristã não há ressurreição sem cruz! A pagela que recordará esta celebração, é reprodução da “Ceia” de Pedro Alexandrino de Carvalho que se encontra no salão Margarida Aranha, desta Basílica. Uma das três “Ceias” assinadas por Pedro Alexandrino de Carvalho, “o pintor” destas duas igrejas que, vai para

23 anos, me estão confiadas: a Basílica dos Mártires e a igreja do Santíssimo Sacramento, às quais, por muitas razões, gosto sempre de associar a vizinha igreja de Nossa Senhora da Encarnação que me foi confiada quando regresssei ao Chiado, mas está também ligada aos verdes anos do meu sacerdócio.

A “Última Ceia” tem inúmeras representações, como se vê pela amostra... Porém, a insistência na escolha da sua representação não foi ditada pela qualidade artística das representações, mas pela realidade que representam: aquela Ceia do Cenáculo que, sendo a primeira, permanece a única, pelos séculos dos séculos. Aquela, a da Instituição, a que foi celebrada por Cristo pela qual Ele permanece entre nós, “Cristo Total”: Corpo, Sangue, Alma e Divindade, até ao fim dos tempos (Mt 28, 20). Gostaria de saber dizer-vos por palavras, a emoção – e a graça! – que é emprestar a minha voz e as minhas mãos a Cristo – porque Ele delas quer precisar... - para se tornar realmente presente na Eucaristia. Oh, grandeza do sacerdócio católico!

Vou voltar às frases bíblicas dos “santinhos”... Em 1974 escolhi um versículo da Carta de São Tiago, que, aliás, é uma citação de Job: «Se o Senhor quiser, estaremos vivos e faremos isto e aquilo!» (Tg 4, 15). Exprime bem a piedosa autossuficiência de um padre em início de carreira, não vos parece? É como se dissesse: “Sei que a minha ▶

► vida e saúde dependem de Ti, Senhor... conserva-mas, a vida e a saúde, e verás que podes contar cá com o rapaz!” Idiota, que atrevida presunção! Por altura da celebração dos 25 anos de sacerdócio, no meu cartão de visita, se tivesse cartão de visita, não caberiam todos os cargos que desempenhava na Diocese, além de ser pároco de Algés-Miraflores e cónego da Sé Metropolitana de Lisboa. Com gratidão, é certo, olhei para a obra feita apreciando-a com palavras de Maria Santíssima, mas não com a Sua humildade: “A minha alma glorifica o Senhor, o meu espírito exulta de alegria em Deus meu Salvador” (Lc 1, 46-47). “O Senhor, deve estar contente contigo”, soprava o capeta ao meu ouvido, acicatando a minha vaidade. Estou muito feliz com esta celebração,

com a vossa presença e gosto muito de todos vós: dos meus paroquianos e daqueles que foram meus paroquianos, dos amigos, dos representantes das Ordens, Irmandades e Instituições que se dignaram associar à Festa; dos meus colaboradores mais próximos, que, comigo “suportam o peso do dia e calor” - que seria de mim sem vocês?; gosto muito do meu atual Patriarca e do Senhor D. Joaquim, seu auxiliar, e dos padres que formam o presbitério de Lisboa que, como eu, cooperam, agora com o Senhor D. Rui, como já havia sido com o Senhor D. Manuel e anteriores Patriarcas; gosto muito da minha família toda, em especial da minha mãe que, desde há três anos está entre nós e vós acolhestes e acarinhais como os Apóstolos fizeram à Mãe de Jesus.

Também vos quero voltar a dizer que ser Padre é uma graça imerecida do bom Deus que, como qualquer graça de Deus, não perde o viço... apesar da idade, Deus permite ainda que o exerça o ministério com alegria e entusiasmo. Contudo não tenho mais a presunção de fazer isto ou aquilo, apoiado nas minhas forças. E procuro não cair na tentação de contabilizar méritos pessoais nas maravilhas que Deus tem feito acontecer na minha vida. Aquilo me suporta e anima é o amor com que Deus me ama. O amor de Deus é a minha Vida! A minha alegria, é deleitar-me no amor. Ouso dizer como Pedro: “Senhor, Tu sabes tudo, Tu bem sabes que Te amo” (Jo 21,17). Como o passar dos anos nos purifica... Também por isso hoje, convosco, dou graças a Deus. ■

Tempo Pascal

O Tempo Pascal começa na Vigília Pascal, com a Ressurreição de Cristo; é celebrado durante sete semanas, até à vinda do Espírito Santo, no Domingo de Pentecostes, que significa, em grego, “cinquenta dias”. Um período litúrgico de cinquenta dias que são como um único dia festivo, como um grande Domingo, que deve ser celebrado com alegria e júbilo. Na verdade, trata-se de uma intensa celebração da Páscoa de Cristo, que passa da morte à vida – a palavra “Páscoa”, significa “passagem”, conforme o sentido literal do termo na tradição judaica. O Tempo Pascal é também a Páscoa da Igreja, Corpo de Cristo, que passa para a Vida Nova do Senhor e no Senhor.

A primeira das sete semanas é chamada “Oitava da Páscoa”; encerra com o “Domingo da Oitava da Páscoa”, o Domingo “in Albis” e da Divina Misericórdia. Da Divina Misericórdia por determinação do Papa São João Paulo II, após a canonização de Santa Faustina Kowalska; “in Albis”, ou seja, domingo “vestido de branco”, já que, só nesse dia, os neófitos batizados na Vigília, deixavam de envergar a veste branca. Dentro desse riquíssimo tempo litúrgico, é celebrada no sétimo domingo de Páscoa a festa da Ascensão do Senhor (este ano, a 12 de Maio) – não necessariamente aos quarenta dias após a Ressurreição, sobretudo nos países em que a “Quinta Feira da Ascensão” é dia

de trabalho. O período encerra com a vinda do Espírito Santo, no Pentecostes (este ano, a 19 de Maio).

A unidade desta Cinquentena é destacada pelo Círio Pascal, que permanece aceso em todas as celebrações até o Domingo de Pentecostes, e, com esta mesma intenção, são organizadas as leituras da Palavra de Deus nos oito domingos do Tempo Pascal: a primeira leitura é sempre dos Atos dos Apóstolos, o livro que conta a história da Igreja primitiva e da sua difusão da Páscoa do Senhor. A segunda leitura muda conforme os ciclos, podendo ser da primeira Carta de São Pedro, da primeira Carta de São João e do livro do Apocalipse. ■

TOME NOTA

Primeiros Sábados

Os **Arautos do Evangelho** continuam a fazer connosco a Devoção dos Cinco Primeiros Sábados, na Basílica dos Mártires. O primeiro Sábado de Abril é no dia 6: 14h30 às 16h30, confissões; 16h, cerimónia da coroação de Nossa Senhora, Terço e meditação; 17h: Missa reparadora. Nos outros Sábados, os Arautos estão na igreja do Sacramento: 16h30, Adoração e confissões; 18h – celebração da santa Missa.

Novenas

- **Divina Misericórdia:** de Sexta Feira Santa ao Sábado da Oitava da Páscoa (29 Mar a 6 Abril).
- **Santo Expedito:** 10 a 18 de Abril.
- **Espírito Santo:** 10 a 18 de Maio.
- **Santa Rita de Cássia:** 13 de Maio a 21

Nota: As meditações das novenas, de autoria do Prior ou por ele trabalhadas, podem ser enviadas pelo WhatsApp.

Já passou um ano...

No dia 10 de Abril do ano passado, logo a seguir à Páscoa, foi a “páscoa” do Arlindo Andrade.

A Família, os amigos e a Paróquia que serviu com tanta dedicação, juntar-se-ão na missa das 17 h, do Domingo, dia 7 de Abril, na Basílica dos Mártires, que será celebrada pelo seu eterno descanso. A missa será transmitida pela Página de Facebook da Paróquia dos Mártires.

Ao Largo – Boletim das Paróquias da Baixa-Chiado

Director: Conº Armando Duarte Redacção: Basílica dos Mártires, Rua Serpa Pinto, 10 D, 1200-445 Lisboa
Tels.: 21 346 24 65 – Fax: 21 325 95 62 – E-mail: bas.martires@sapo.pt – facebook.com/ParoquiadosMartires/